

Do outro lado da margem: José Eduardo de Macedo Soares no combate à Amaral Peixoto através do *Diário Carioca*, Estado do Rio de Janeiro 1945-1950

Cezar HONORATO*^I
José Luís Honorato LESSA**^{II}

^I Universidade Federal Fluminense ROR:, Niterói, RJ, Brasil

^I Universidade do Estado do Rio de Janeiro ROR:, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{II} Universidade Salgado de Oliveira ROR:, Niterói, RJ, Brasil

Resumo

A partir da pesquisa no *Diário Carioca* em suas edições entre 1945-1950 o presente estudo debruça nas críticas do referido jornal, articuladas pessoalmente à Amaral Peixoto e, tinha como pano de fundo o período em que o personagem esteve na condução do executivo fluminense de 1937 a 1945, no tempo do Estado Novo. No Estado do Rio, José Eduardo de Macedo Soares, importante agente daquela folha, sobressaiu como principal algoz do amaralismo-queremista no pós-1945. Do ponto de vista conceitual trabalhamos com as noções de partido ideológico além das perspectivas teóricas da história política e da cultura política. O artigo contribui para a compreensão da complexa disputa pelo poder no contexto fluminense do pós-1945.



Palavras-chave: *Diário Carioca*; José Eduardo de Macedo Soares; Amaral Peixoto; Estado do Rio de Janeiro.



Al otro lado de la orilla: José Eduardo de Macedo Soares en su lucha contra Amaral Peixoto a través del *Diário Carioca*, Estado de Río de Janeiro, 1945-1950

Resumen

A partir de la investigación realizada en el *Diário Carioca* en sus ediciones de 1945 a 1950, el presente estudio se centra en las críticas de dicho periódico, dirigidas personalmente a Amaral Peixoto, y tiene como telón de fondo el período en el que este personaje estuvo al frente del ejecutivo de Río de Janeiro entre 1937 y 1945, en la época del Estado Novo. En el Estado de Río, José Eduardo de Macedo Soares, importante colaborador de dicho periódico, destacó como principal detractor del «amaralismo-queremista» tras 1945. Desde un punto de vista conceptual, trabajamos con las nociones de partido ideológico, más allá de las perspectivas teóricas de la historia política y la cultura política. El artículo contribuye a la comprensión de la compleja disputa por el poder en el contexto fluminense posterior a 1945.

Palabras clave: *Diário Carioca*; José Eduardo de Macedo Soares; Amaral Peixoto; Estado de Río de Janeiro.

* Possui doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professor Titular em História Econômica e Social da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador Senior do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: cezarhonorato@id.uff.br.  <http://lattes.cnpq.br/1850505747754574>.  <https://orcid.org/0000-0003-4212-7395>

** Doutor em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e da Graduação em História (EAD) na mesma instituição. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa de História Fluminense e Fronteiras do Século XIX ao XXI e Coordenador do Laboratório de História Fluminense e Fronteiras do Século XIX ao XXI (LAHFLUF), PPGH-UNIVERSO. E-mail: jose.lessa@nt.universo.edu.br.  <http://lattes.cnpq.br/4825359137140196>.  <https://orcid.org/0000-0001-7589-7316>

Recebido em 09 de março e aprovado para publicação em 09 de maio de 2026.



On the other side of the river: José Eduardo de Macedo Soares's campaign against Amaral Peixoto in *Diário Carioca*, State of Rio de Janeiro, 1945–1950

Abstract

Based on research into the *Diário Carioca*'s editions from 1945 to 1950, this study examines the newspaper's criticism, which was personally directed at Amaral Peixoto, against the backdrop of the period during which he led the Rio de Janeiro state government from 1937 to 1945, during the Estado Novo era. In the state of Rio de Janeiro, José Eduardo de Macedo Soares, a key figure at that newspaper, emerged as the principal critic of Amaralism-Queremism in the post-1945 era. From a conceptual standpoint, we work with the notions of ideological parties in addition to the theoretical perspectives of political history and political culture. The article contributes to the understanding of the complex power struggle in the post-1945 Rio de Janeiro context.

Keywords: *Diário Carioca*; José Eduardo de Macedo Soares; Amaral Peixoto; State of Rio de Janeiro.

De l'autre côté de la rive : José Eduardo de Macedo Soares contre Amaral Peixoto dans le *Diário Carioca*, État de Rio de Janeiro, 1945-1950

Résumé

À partir d'une étude du *Diário Carioca* dans ses éditions de 1945 à 1950, la présente étude se penche sur les critiques formulées par ce journal à l'encontre d'Amaral Peixoto, et s'inscrit dans le contexte de la période durant laquelle ce dernier a dirigé l'exécutif de l'État de Rio de Janeiro, de 1937 à 1945, à l'époque de l'État-neuf. Dans l'État de Rio, José Eduardo de Macedo Soares, figure importante de ce journal, s'est distingué comme le principal détracteur de l'amaralisme-queremisme après 1945. D'un point de vue conceptuel, nous travaillons avec les notions de parti idéologique au-delà des perspectives théoriques de l'histoire politique et de la culture politique. L'article contribue à la compréhension de la complexe lutte pour le pouvoir dans le contexte de l'État de Rio de Janeiro après 1945.

Mots-clés : *Diário Carioca* ; José Eduardo de Macedo Soares ; Amaral Peixoto ; État de Rio de Janeiro.

若泽·爱德华多·德·马塞多·苏亚雷斯通过《里约热内卢日报》与阿马拉尔·佩索托的斗争，1945-1950年，里约热内卢州

摘要

本文详细分析了1945年至1950年期间《里约热内卢日报》(*Diário Carioca*) 发表的文献资料，重点关注若泽·爱德华多·德·马塞多·苏亚雷斯(José Eduardo de Macedo Soares, 简称JE) 在该报刊登的针对阿马拉尔·佩索托(Ernani Amaral Peixoto) 的批评文章。这些批评文章以佩索托在1937年至1945年巴西“新国家”时期执掌里约热内卢州政府为背景。在里约热内卢州，JE是《里约热内卢日报》的创办人和拥有者，在1945年以后的时期里，他成为阿马拉尔·佩索托和吉图利奥·瓦尔加斯(Getulio Vargas) 的主要反对者。佩索托是瓦尔加斯总统的女婿，1937年担任联邦政府驻里约热内卢州特派员，后来当选为里约热内卢州的州长。1946年他参与成立巴西社会民主党(Partido Social Democrático - PSD)，主张推迟大选，延长瓦尔加斯的统治(他提出的政治口号是“Queremos Getúlio” — 我们需要吉图利奥)。作者运用意识形态、政党的概念，并结合政治史和政治文化的理论，详细研究了JE的批评文章。本文旨在帮助读者理解1945年后以里约热内卢州复杂的权力斗争史。

关键词: 《里约日报》；若泽·爱德华多·德·马塞多·苏亚雷斯；阿马拉尔·佩索托；里约热内卢州

Auf der anderen Seite des Ufers: José Eduardo de Macedo Soares im Kampf gegen Amaral Peixoto über die Zeitung *Diário Carioca*, Bundesstaat Rio de Janeiro 1945–1950

Zusammenfassung

Ausgehend von einer Untersuchung der Ausgaben des *Diário Carioca* aus den Jahren 1945 bis 1950 befasst sich die vorliegende Studie mit der Kritik dieser Zeitung, die sich persönlich gegen Amaral Peixoto richtete und vor dem Hintergrund der Zeit stand, in der dieser von 1937 bis 1945, zur Zeit des Estado Novo, die Exekutive

des Bundesstaates Rio de Janeiro leitete. Im Bundesstaat Rio de Janeiro trat José Eduardo de Macedo Soares, ein wichtiger Vertreter dieser Zeitung, nach 1945 als Hauptgegner des Amaralismus und Queremismus hervor. Aus konzeptioneller Sicht arbeiten wir mit den Begriffen der ideologischen Partei sowie mit den theoretischen Perspektiven der politischen Geschichte und der politischen Kultur. Der Artikel trägt zum Verständnis des komplexen Machtkampfs im Kontext des Bundesstaates Rio de Janeiro nach 1945 bei.

Schlüsselwörter: *Diário Carioca*; José Eduardo de Macedo Soares; Amaral Peixoto; Bundesstaat Rio de Janeiro.

Introdução

A historiadores que se dedicam a análise do período da crise do Estado Novo e a chamada redemocratização pouco tem atentados para a mudança de posição de alguns de seus atores especialmente quando se trata das relações políticas regionais como no caso do Estado do Rio de Janeiro (ERJ). Se alguns dos atores políticos no período ditatorial se mostravam próximos dos detentores do poder, notadamente aqueles que dispunham de jornais - por estarem sobre rígida censura – com a chamada redemocratização poderiam se inserir de forma diferenciada na nova realidade.

O caso do ERJ não se diferencia da realidade de outros estados onde o poder dos interventores durante a ditadura varguista tinham um grande poder sobre as demais correntes políticas e sobre os meios de comunicação. O que apresentamos a seguir tratava-se de uma situação no mínimo peculiar: o antigo interventor Ernani do Amaral Peixoto era genro do ex-presidente Getúlio Vargas e, com a queda do regime, acreditava-se que ele perderia poder político e abriria “espaço” para novas e antigas lideranças.

Nesse último caso, temos em José Eduardo de Macedo Soares, proprietário do *Diário Carioca* (DC, em algumas passagens), o interesse de retomar as rédeas da cena política fluminense onde historicamente, os Macedo Soares possuíam enraizamento, embora não houvesse consenso no seio desta cepa familiar de como superar o amaralismo.

Mas o que se consensuou chamar de amaralismo?

Termo usualmente consagrado pela cultura política para designar o estilo próprio e inconfundível de atuar de Ernani do Amaral Peixoto no estado do Rio de Janeiro, em nome de um projeto de revitalização política e econômica. Confunde-se por isso mesmo com sua própria atuação, mas é também associado ao grupo identificado com sua liderança (Abreu; Paula, 2014, p. 41).

Como podemos observar, o termo é aplicado ao estilo de governo e da atuação de Amaral Peixoto que se transformara na principal liderança política do ERJ. Urge lembrar que a crise do Estado Novo foi marcada por movimentos de combate à ditadura varguista e ao próprio Vargas, como no caso do Manifesto dos Mineiros que desde 1943 pedia o fim do regime, ao mesmo tempo por movimentos pró Getúlio como o Queremismo que defendia a manutenção do ditador até a promulgação da Constituição.

O objetivo central deste artigo é de, através da imprensa fluminense, com destaque para o jornal *Diário Carioca* de José Eduardo Macedo Soares, entender a relação com Amaral Peixoto após 1945, rompendo com o que ocorrera no período estadonovista fluminense no qual se aliara aos interesses do interventor.

Antes, é preciso ressaltar que partimos da premissa teórica do jornal enquanto um tipo de partido, este, ideológico e orgânico. No sentido da interpretação aqui desfechada, o referido jornal assumiu posições muito claras nos interesses e conflitos internos das classes dominantes, onde, suscitava controvérsias. Mais ainda, cuja atuação ultrapassava a esfera da *pura* técnica jornalística por ser atravessado por dimensões da política em si e de potenciais elementos econômico, social, religioso e cultural.

Trata-se de um núcleo da complexa matriz teórico-conceitual gramsciana (Gramsci, 2006). No nosso caso, afirmamos que, na dupla condição de imprensa e de partido ideológico, o DC atuava tanto na formulação de ideias, quanto no direcionamento de ações de acordo com os interesses político-econômicos de uma dada fração de classe ligada aos setores conservadores que dizia representar (Gramsci, 1978, 2020).

Revisionista, aquele veículo de imprensa procedia com leituras de uma época pregressa. Nesta quadra (1945-1950) identificamos a verve crítica da referida folha ao governo que passou (1937-1945) e, em cujo curso externou entusiástica manifestação de apoio, frisa-se. Cabe uma pergunta: qual foi o posicionamento do DC e de seu principal gestor numa nova conjuntura, a superação do Estado Novo? Se é certo de que as relações do DC e de seu principal líder durante a interventoria Amaral Peixoto era de aproximação, o que mudou? Na sequência, desenvolve-se a análise.

O corte temporal deste estudo compreende, portanto, o fim da interventoria e o retorno de Amaral Peixoto ao executivo fluminense pelas vias eleitorais, em 1950 e com 72% dos votos, tendo assumido o novo governo em janeiro do ano seguinte.

Amaral Peixoto, José Eduardo de Macedo Soares e o *Diário Carioca*

Natural da cidade do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto frequentou tradicionais instituições durante sua formação escolar: Grupo Escolar Tiradentes da cidade do Rio de Janeiro; Colégio Anchieta em Nova Friburgo e Santo Inácio, novamente no Distrito Federal, seguindo para a Escola Naval em 1923 e, depois, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro onde formou-se em engenheiro geógrafo no ano de 1934. Antes, quando já pertencia aos quadros da Marinha do Brasil, havia participado do tenentismo e viu com bons olhos o processo que conduziu Getúlio Vargas à presidência da República de quem se aproximou e tornaria genro.

Ajudante de ordens do mandatário nacional, sua vida pública foi atravessada por distintos contextos. Assumiu a interventoria federal no ERJ em 1937, mantido no posto até 1945. Voltou a administrar o referido estado entre 1951 e 1955 na condição de governador eleito além de ter sido por duas vezes deputado federal pelo mesmo estado (1946–1951 e 1963–1971); senador da República (1971-1987), Embaixador do Brasil nos Estados Unidos (1956–1959) e Ministro da Viação e Obras Públicas (1959–1961). Amaral Peixoto, também chamado de Comandante em face de sua posição na Marinha Brasileira, integrou os círculos partidários do Partido Social Democrático (PSD), Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e Partido Democrático Social (PDS), até se aposentar da política em 1989 (Abreu; Paula, 2014).

A atuação do Comandante na interventoria seguiu, claro, as proposições centralizadoras do regime. Contudo, assumiu uma perspectiva estruturante e modernizadora marcando a sua atuação com a ampliação de diversos serviços públicos, esforços industrializantes e obras de infraestrutura isto, por ter contado em grande medida, com o apoio da administração federal. Ademais, o Comandante Amaral Peixoto, com seu grupo, liderou amplo conjunto de investimentos público-privados em diferentes campos da vida fluminense (Honorato, 1987; Lessa, 2021).

José Eduardo de Macedo Soares, jornalista e homem de fortuna, ligado a outros de igual “sorte”, como Horácio de Carvalho Júnior (que se tornou diretor-presidente do DC), Walter Moreira Salles e Augusto Frederico Schmidt, nasceu em São Gonçalo (RJ) no ano de 1882. Figura imponente na primeira metade do século XX, marcou sua passagem no jornalismo sob motivações políticas diretas. Irrequieto e controverso, deixou a Marinha do Brasil para se dedicar “integralmente” às causas. Tornou-se empresário do setor, em 1928 ergueu seu segundo jornal, o *Diário Carioca*. Havia sido proprietário-fundador de *O Imparcial* (1912). Enquanto político, Macedo Soares representou o ERJ na condição de deputado federal entre 1915 e 1923; deputado constituinte em 1933 e senador da República entre 1935-1937. Em outras ocasiões, 1945, 1947 e 1950 concorreu a uma cadeira no senado pelo mesmo estado, contudo, sem lograr êxito, mesmo assim, esteve próximo dos centros de poder fluminense e nacional. Viveu até o ano de 1967 (Abreu; Paula, 2014).

O combativo e conservador *Diário Carioca* (1928-1965), apesar de porte pequeno para médio e de posições políticas cambiantes, foi um dos jornais mais importantes e influentes do Brasil na primeira metade do século XX (Rio de Janeiro [Município], 2003). Embora um periódico da cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1950 estampou o lema: “Um jornal do Rio para todo o Brasil”. Do ponto de vista econômico, o referido periódico possuía orientação assumidamente liberal, sendo uma das vozes da elite brasileira. Por seu proprietário estar ligado ao setor agropecuarista fluminense, nos permite avançar na

hipótese de sua grande preocupação com o cenário político do ERJ. Aliás, antenado às questões fluminenses, no período de maior enfrentamento à Amaral Peixoto, em coluna própria — *A Opinião dos Leitores* —, passou a condensar posições dos descontentes do estado com o Comandante.

Sodré (1983, p. 355-389) insere-o na categoria de “imprensa burguesa”. Especula-se que tenha sido erguido com aporte de latifundiários mineiros diante do contencioso intraoligárquico da Primeira República em apoio à Getúlio Vargas e ao movimento que teria desfecho em 1930. Logo depois, ideologicamente tornou-se sombrio em relação às esteiras varguistas, sobretudo por apoiar uma nova Constituinte, resultando no empastelamento do jornal em 1932. Neste mesmo ano, José Eduardo de Macedo Soares passou todo o controle administrativo e econômico do DC para Horácio Gomes Leite de Carvalho Júnior, ação sobre a qual pairam especulações: ao que parece, uma possível estratégia do transferente em livrar-se pessoalmente de eventuais restrições impostas pelo governo e até da suspeita de relações íntimas entre ambos, ou seja, Macedo e Horácio de Carvalho (Costa, 2011, p. 111). Mesmo assim, “Macedão” (amiúde como era chamado internamente no DC), continuava com forte influência sobre o periódico, sempre presente nos expedientes editoriais.

Horácio de Carvalho, “industrial que se fazia jornalista” (Sodré, 1983, p. 377), boêmio, mau pagador, protelava a quitação dos compromissos trabalhistas embora fosse dono de extensa fortuna: empreiteiro de obras públicas, representante da poderosa Hanna Mining Corporation, nome de peso na bacia leiteira fluminense, especialmente na região de Vassouras, possuía mais de vinte fazendas, além de, naquele turno, ser proprietário da mais antiga mina de ouro do país — a Morro Velho —, em Nova Lima, Minas Gerais. Sobre a atividade de minerador, especula-se que acondicionava ouro em falsas caixas de goiabada na sede do próprio DC, na cidade do Rio de Janeiro, com vistas a driblar o fisco (Costa, 2011, p. 276; 311).

Durante toda a curva de sua existência a folha apresentou distinta variação política. Verdadeiro movimento de sístole e diástole: ora sob aproximação, repulsa e outra em reatamento das relações. Dito de outro modo, aqueles que o DC e Macedo Soares tomavam como dissidentes políticos do momento tornar-se-iam potenciais alinhados do futuro ou vice-versa. Aliado inicialmente ao PSD, o *Diário Carioca* flertou com a União Democrática Nacional (UDN) quando José Eduardo rompeu com Getúlio Vargas/Amaral Peixoto, passando a nutrir horror por ambos. No curso do pós-1950, atravessado por dificuldades na gestão, crises financeiras e políticas, estas, afetaram a continuidade da empresa jornalística, fechada em 1965.

Críticas gerais a um período que passou: a interventoria questionada

Vale considerar que utilizando uma linguagem que podemos considerar como jocosa, O DC buscava proferir ataques pessoais à figura do Amaral Peixoto na tentativa de “minar” a sua densidade política no ERJ, estampando-o de modo rotundo, leitoado e corpo disforme:

Figuras 1, 2 e 3: figuras de Amaral Peixoto veiculadas no Diário Carioca

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Fonte: Fig 1: Diário Carioca. 23 mar. 1945, ed. 05143, p, 3 (a referida figura aparece em outras edições); Fig 2: Diário Carioca. 30 mar. 1945, ed. 05149, p, 1; Fig 3: Diário Carioca. 4 abr. 1945, ed. 05161, p, 1.

Nos parece que as figuras acima foram usadas sob intenção de alimentar uma percepção da incapacidade de cuidar de si e, por tabela, do próprio estado. A seção fará um raio x quanto as críticas pessoais à Amaral Peixoto, aos homens do governo e à própria estrutura administrativa da interventoria.

Amaral Peixoto foi casado com a filha do presidente Vargas, esta, passando a ser chamada então, de Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Pela relação marital, por vezes, o DC se referia ao período de seu governo como “interventoria nupcial” e o designativo genro foi utilizado politicamente para criticá-lo, em clara dúvida da sua capacidade de alçar voos próprios, como que sempre dependente da sombra getulista. No pós-1945, sem titubear, José Eduardo partia para a crítica pessoal através do DC. As figuras acima exemplificam este cenário.

Já dissemos acima que o grupo liderado pelo Comandante investiu em vários campos da vida fluminense, o conjunto de ação foi amplo e diversificado. Outros estudos sobre temas diversos da interventoria amaralista podem ser conferidos: (Castro, 1996; Côrte, 2012; Costa, 2008; Moreira, 2005). Em que pesem as diferentes interpretações oriundas de perspectivas teórico-metodológicas diferenciadas, a historiografia específica de questões correlatas às administrações Amaral Peixoto no ERJ em regra, partem de um consenso: a liderança política

do mesmo reforçada pela hegemonia do PSD. Ao seu lado, nomes como Alfredo Neves, Agenor Barcelos Feio, Hélio de Macedo Soares, Paulo Fernandes, Vasconcellos Torres, Leal Júnior, Eduardo Duvivier e Miguel Couto Filho formavam o centro da constelação pessedista fluminense. Vale ainda considerar a influência do partido e a liderança do próprio Amaral Peixoto em grande parte dos municípios interioranos. Foi o partido majoritário no estado, embora da existência de outras agremiações partidárias e dos tradicionais e articulados UDN e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A literatura política nacional consagra as origens do PSD como intimamente ligadas ao papel desempenhado pelos interventores federais em fins do Estado Novo, em face dos rumos para implantação da legalidade democrática. Por outro lado, a UDN e o PTB são igualmente do período. Contudo, o primeiro surge como principal opositor ao partido dos “ex-interventores”, enquanto PTB se colocava próximo às trincheiras pessedistas. No fundo, são os três partidos centrais do pós-1945.

Na pesquisa feita junto ao *Diário Carioca* vemos constantemente o uso da retórica regressiva destinada a recuperar pontos da administração Amaral Peixoto no tempo da interventoria. O retorno ao passado atendia a uma lógica revisionista de apontar os desajustes do governo, assim classificadas quase todas as diretrizes estaduais sob o comando do interventor, em claro esforço de apagamento e descrédito tomadas como prejudiciais à coletividade fluminense.

Ou seja, nas tintas dos seus veiculadores havia um legado negativo enraizado na vida pública do estado. Como recurso deste procedimento retórico, o não dito ou escrito, também se fazia presente. Tal procedimento no núcleo conceitual da teoria política não está desprovido de significado (Rémond, 2003). Entusiásticos, José Eduardo de Macedo Soares e o *Diário Carioca*, “esqueciam-se” de que angariaram apoio ao governo da interventoria amaralista. A esta aquiescência do passado não se fazia acompanhar de qualquer mea-culpa.

É mister considerar que o DC, metodologicamente, não dava voz a Amaral Peixoto e não se oferecia ao contraditório ou à contra argumentação. Os temas fluminenses do período da interventoria estavam presentes em editoriais e colunas específicas assinadas por José Eduardo de Macedo Soares ou também poderiam aparecer em colunas diversas, mais abrangentes. Sem escala de importância, as principais colunas podem ser listadas: *Notícias Sobre o Estado do Rio; Do Estado do Rio; Resenha Telegraphica dos Estados; Assembleia Fluminense; Na Bancada da Imprensa; Nos Estados; A Política; Na Verdade; A Nossa Opinião; A Opinião dos Leitores; O Que Se Diz e Boletim do País.*

Durante 1946-1950 em referência aos debates nos parlamentos repousava uma peculiaridade: como retórica ao passado, as questões do período da interventoria federal igualmente eram trazidas à baila por udenistas nas duas casas: parlamento estadual e federal. Por sua vez, o DC estampava-os. Ressalve-se que, apenas neste momento o referido jornal concedia algum espaço aos “dissonantes”. Desse modo, havia embates entre os contendores.

Temos assim os deputados estaduais udenistas que mais ocuparam a tribuna da Assembleia para desferir denúncia e invariavelmente recorriam às publicações do DC: Mário Guimarães; Tenório Cavalcanti e Alberto Torres. Em que eram aparteados pelos pessedistas: Agenor Barcelos Feio; Hélio de Macedo Soares; Vasconcelos Torres e por um ou outro petebista.

Na Câmara dos Deputados se encarregavam do mesmo procedimento os parlamentares udenistas eleitos pelo estado do Rio: José Soares Filho e Acúrcio Torres. Aqui, era o próprio Amaral Peixoto na condição de deputado federal fazer a defesa da sua administração e de si próprio ou, por vezes, o seu correligionário fluminense, Paulo Fernandes.

Como dito, na política nada se assenta desprovido de sentido (Rémond, 2003), em tal regresso havia nítida intenção de apagar a imagem de bom administrador *atribuída* ao Comandante, afora o caráter de exceção constitucional do período.

No fundo, era mais do que isso: José Eduardo de Macedo Soares a partir do *Diário Carioca* buscava aplinar o caminho com vistas a três objetivos: defenestrar a própria figura do Amaral Peixoto; trabalhar para que a UDN, com a qual flertou, alcançasse a condição de partido majoritário no estado, desbancando o PSD; e por fim, garantir sua própria eleição no pleito de 1950 como um representante fluminense no senado.

Logo, entre o final da interventoria até a eleição de Amaral Peixoto em 1950, ao olhar para aquele tempo não tão longínquo — o arco 1937-1945 — e, atravessado por leituras político-econômicas e de poder, o DC não deixava de traçar projeções para o futuro, qual seja: a derrota do amaralismo e ascensão do grupo político de Macedo Soares. No caso fluminense, Amaral Peixoto tornara-se objeto direto de crítica, em claro esforço vexatório à sua pessoa. Na ânsia pela sua defenestração, Macedo Soares construiu noções por vezes depreciativas.

Vejamos como Amaral Peixoto era frequentemente denominando pelo *Diário Carioca*:

Quadro 1: Apelidos, adjetivos e termos construídos por José Eduardo de Macedo Soares em alusão à Amaral Peixoto e/ou à interventoria

Alzirante; Alzirão; Interventoria nupcial; Interventor-marido; O genro; Consulado do genro; Consulado genrocrático; Genro do Estado Novo; Bem nutrido genro do Pai dos Pobres; Rechonchudo e felizardo genro do sr. Getúlio Vargas; Conde Ciano; Comandante Ernani Galeazzo Ciano do Amaral Peixoto; Grão-Duque Fluminense; Grão-Duque de Niterói; Donatário de uma autêntica Capitania Hereditária; Dono da Capitania; Herdeiro presuntivo do trono; Comandante Peixoto; Ditadorzinho; Ex- ditadorzinho; Comandante embarcado no Palácio do Ingá; Marinheiro de Águas de Rosas do Ingá; “Leão dos Mares Guanabarinos”; Almirante da Baía de Guanabara; Almirante sem esquadra; Almirante em seco; Apóstolo Amaral Peixoto; Morador do Palácio Guanabara; Bola pra frente e Rédea curta.

Fonte: quadro elaborado pelos autores a partir das edições do Diário Carioca consultadas.

Essas construções textuais, em grande maioria em tom de ironia, relacionada a inexperience marítima do “Almirante Amaral Peixoto” e sua condição de genro, somadas ainda às caricaturas arroladas acima. Tais prerrogativas, no campo da história política, condizem com o esforço pela construção de verdades (Rémond, 2003. p. 69). Na lupa do próprio personagem Amaral Peixoto, segundo ele, “atacado violentamente”: “[...], foi o José Eduardo que me inventou, pensando em criar um fantoche” (Peixoto *apud* Camargo *et al.*, 1986, p. 238; 240).

Leituras políticas no pós-1945

No que combatia a ditadura estadonovista, as posições nacionais de José Eduardo de Macedo Soares foram trazidas para o campo local:

[...], Macedo Soares era um antigetulista ferrenho. Se tornou antigetulista à medida em que o Amaral Peixoto foi ficando poderoso, transformando o Estado do Rio num feudo dele. Uma disputa regional que repercutiu nacionalmente. Macedo chamava Amaral de Alzirante. Era oficial da Marinha, depois comandante, depois almirante e, como se casara por conveniência com Alzira Vargas, o velho senador o chamava de Alzirante. Dizia que ele era capaz de enjoar na barca da Cantareira (Armando Nogueira *apud* Costa, 2011, p. 486).

Outro depoente completa:

Macedo foi o dono do Estado do Rio, até chegar o Amaral Peixoto. O Getúlio quebrou a dinastia dos Macedo Soares com o almirante Amaral Peixoto, ele usou o genro para acabar com o poder do Macedo Soares no Rio (Alaor Barreto *apud* COSTA, 2011, p. 323).

Ao final do Estado Novo o presidente Vargas antevia a fase de conflitos e inferiu a desconfiança que havia em relação à figura de José Eduardo de Macedo Soares quando insistiu para seu genro continuasse na carreira política no ERJ concorrendo a uma cadeira na constituinte e desfecha: “você será minha aguilhada na ilharga do Zé Eduardo” (Moreira, 2005, p. 60).

Deste embate, é o próprio Amaral Peixoto (*apud* Camargo *et al.*, p. 230) quem fala:

[...], minha primeira reação foi abandonar completamente a política, não ser candidato e abandonar o PSD. Mas o dr. Getúlio me disse: Não. Vocês têm uma missão a cumprir, têm que ficar e continuar na luta. E até brincou comigo: 'Você é uma bomba de retardamento que eu deixo nas costas dos meus inimigos no estado do Rio. Ele se referia ao José Eduardo, que o atacava muito. E completou: A minha vingança do José Eduardo é você. Fui com o dr. Getúlio para o Sul e voltei a ser candidato à Constituinte. [...], fui o candidato mais votado no estado.

Mesmo fora do executivo estadual, Amaral Peixoto continuou interferindo nas disputas políticas regionais no pós-1945. Até as eleições e posse do novo governador em 1947 há notável instabilidade à frente do executivo fluminense. Por conta dos jogos da política, a indicação do primo do jornalista, Edmundo de Macedo Soares e Silva para concorrer ao governo estadual pelo PSD em 1946, contou com aval de Amaral Peixoto acompanhado de “inusitado” acordo interpartidário que reuniu PSD, UDN e PTB.

A campanha sagrou-se vitoriosa e pouco depois ocorreu o rompimento entre Amaral e Edmundo. O DC manteve sua pegada contra o que chamava de ala queremista ou peixotista do PSD. No fundo, dizia combater a continuidade maléfica e pôr reticências ao retorno do amaralismo no comando fluminense e de Getúlio Vargas na direção nacional.

A partir da leitura do DC fica claro que José Eduardo de Macedo Soares mantinha uma oposição mais personalista às figuras de Amaral e Getúlio e menos institucional em relação ao PSD, combatido na lateralidade, mesmo porque, e curioso, integrava os quadros do partido: nota-se, um pé lá e outro cá. A ideia central era conter a volta de ambos, daí constantemente escrevia sobre a ameaça queremista, sempre lembrando o movimento de 1945.

Quanto a esta hipótese, no fundo, não havia um combate cerrado ao PSD, e sim à corrente “amaralista-queremista” que afirmava existir no interior do partido. No que fazia jogo duplo era visível a “aceitação” ao PSD, fato é que nas eleições presidenciais de 1950, saiu em apoio a dois candidatos: Cristino Machado (PSD) e Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN). Enquanto no cenário estadual centrou fogo contra a candidatura de Amaral Peixoto (1950) agregada em torno do PSD, PTB, PR, PRT, PST, PTN¹ e PTB, fazendo campanha para Prado Kelly (UDN).

Todavia, longe de se sentir iludido, ingênuo ou pueril, seu comportamento agora avesso, isto é, anti-getulista e anti-amaralista, encontra sentido na teoria da história política, para qual, as vicissitudes são motivadas pelo poder, construções de verdades e discursos apropriados aos interesses específicos de um grupo a qual deseja valorizar, em clara defenestração àqueles que combatem (Rémond, 2003). Eis a trama.

¹ As siglas PR, PRT, PST e PTN correspondem aos seguintes: Partido Republicano, Partido Republicano Trabalhista, Partido Social Trabalhista e Partido Trabalhista Nacional.

Ali, havia claro e duplo temor: pelo retorno de Getúlio Vargas à presidência da República (PTB) e de Amaral Peixoto (PSD) ao governo estadual, cujo candidato a vice-governador foi o usineiro campista Tarcísio de Miranda (PTB). Naquele pleito não só os dois candidatos foram reconduzidos aos respectivos cargos, bem como José Eduardo de Macedo Soares se viu derrotado na disputa pelo senado embora fosse candidato do PSD. Sendo eleito outro pessedista: Francisco de Sá Tinoco.

O PSD de Amaral Peixoto avançou em seu eito, aplainou terreno relativamente fértil, sendo o partido da maioria, portanto, hegemônico no ERJ em dada curva temporal. Posição que o DC se esforçou, sem sucesso, para que fosse reservada à UDN estadual na medida em que apostou no comportamento político-eleitoral diferente da corrente amaralista.

A aposta final: um olhar mais contundente

Para além dos elementos já arrolados, em tom de denúncia, o DC desfechou críticas diretas às ações da interventoria com ênfase sobre um leque de questões, inferindo ter existido maior propaganda governamental do que efetividade. Convém listar os casos: os investimentos em estradas; eletrificação do estado; as obras da Central Hidrelétrica de Macabu; obras públicas gerais (acusa de inacabadas); (in)capacidade do tesouro estadual; favorecimento duvidoso à indústria vidreira instalada em São Gonçalo; a crise no Banco Fluminense da Produção S.A; a industrialização do leite; política de abastecimento de gêneros e de combustíveis; carestia; o comércio da carne verde; deficiências da lavoura fluminense, em especial o do açúcar e dos usineiros campistas; a transparência no uso do fundo público; descalabro administrativo nas prefeituras fluminenses”; a concessão de cartórios com vistas a garantir fidelidade política; as precariedades do transporte marítimo Rio-Niterói oferecido pela Cantareira; o transporte de cargas pelo estado; problemas de recursos nas agências de fomento; a leniência com os cassinos (especialmente Quitandinha e Icaraí), dentre outros apontamentos.

No fundo, posiciona-se radicalmente contra as políticas governamentais do passado, acusando a interventoria amaralista de malversação. Nesta perspectiva, elegia como algo o próprio Amaral Peixoto e agentes centrais do governo, como Heitor Luiz do Amaral Gurgel, primo e aliado de primeira hora do Comandante acusado de negócios escusos e os secretários coronel Agenor Barcelos Feio e o fazendeiro Rubens de Campos Farrula, respectivamente Segurança Pública e Agricultura, Indústria e Comércio.

Sobre o primeiro recaia a denúncia de negligenciar a fiscalização e combate ao jogo clandestino e fixar residência “gratuita” no Cassino Icaraí (*Diário Carioca*, 4 mar. 1945, ed.

05127, p. 3). Mais do que isso, o coronel Feio era tomado como aquele que assenhorava, controlava e distribuía a propina do jogo do bicho e que depois foi utilizada para bancar as campanhas do PSD² — a famosa “caixinha do jogo do bicho”. Delegados e fiscais eram igualmente acusados de levianos e facilitadores da jogatina que se instalou no estado, sob beneplácito do Palácio do Ingá. Desse modo, o ex-interventor sobressaía o principal responsável por aqueles desvios. Farrula,³ por sua vez, foi acusado de subverter a produção, industrialização e comercialização do leite aos interesses monopolistas da Comissão Executiva do Leite, sob suspeita da qualidade e preço do produto, aviltando os produtores e consumidores: o que José Eduardo adjetivava de “farrulices” (*Diário Carioca*. 2 abr. 1946. ed. 05452, p.1).

Colunista provocante, sofisticado, irônico, direto, apesar das elucubrações e amplo uso de figuras de linguagem, metáforas e expressões hiperbólicas que recheavam o seu texto, parecia escolher estrategicamente as palavras, por outras vezes fica a impressão de não as medir para atacar as características políticas e pessoais do Comandante, inclusive sob dúvida de capacidade mental e cognitiva.

Macedo Soares discorria com facilidade sobre temas dos mais diversos e abrangentes, sendo eles fluminenses, nacionais ou internacionais. Da questão regional, acompanhemos um extrato contendo o título dos editoriais, que, ao fim e ao cabo, procuravam enfatizar suas críticas:

Quadro 2: Editoriais do Diário Carioca compreendidas entre 1945-1950 em crítica à Amaral Peixoto e à interventoria

(continua)

MANCHETE	DIA/MÊS/ANO/EDIÇÃO
<i>O Negócio da Quitandinha</i>	3 mar. 1945, ed. 05133, p, 1
<i>Ovos, Leite e Manteiga</i>	29 mar. 1945, ed. 05148, p, 1
<i>Farrulas e Farrulices</i>	5 abr. 1945, ed. 05153, p, 1
<i>Mobilização Fraudulenta</i>	13 maio 1945, ed. 05185, p, 1
<i>A Opinião Fluminense</i>	24 jul. 1945, ed. 05246, p, 1
<i>Os Negócios do Leite</i>	7 ago. 1945, ed. 05258, p, 1
<i>Farrula Sabe Disso</i>	9 ago. 1945, ed. 05260, p, 1
<i>A Grande Miséria Fluminense</i>	22 set. 1945, ed. 05298, p, 1
<i>Dinheirinho Mágico</i>	4 nov. 1945, ed. 05329, p, 1
<i>A Aventura de Macabu</i>	17 nov. 1945, ed. 05340, p, 1
<i>Muita Coisa a Esclarecer</i>	5 dez. 1945, ed. 05355, p, 1
<i>Produção, Transporte e Fornecimento de Leite</i>	16 dez. 1945, ed. 05365, p, 1
<i>Segredos Indevassáveis</i>	5 jan. 1946, ed. 05380, p, 1
<i>Sempre a Questão do Leite</i>	25 jan. 1946, ed. 05397, p, 1
<i>Um Testa de Ferro</i>	12 fev. 1946, ed. 05412, p, 1
<i>Peixotices e Farrulagens</i>	10 abr. 1946, ed. 04959 ⁴ , p, 1

² Agenor Barcelos Feio foi presidente do PSD Niterói e vice-presidente estadual do partido, cuja presidência era de Amaral Peixoto.

³ Rubens de Campos Farrula, titular da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio durante quase toda a interventoria amaralista. A questão leiteira fluminense passava pelo crivo desta.

⁴ Número de edição presente na fonte, ao que parece, um erro material.

Quadro 2: Editoriais do *Diário Carioca* compreendidas entre 1945-1950 em crítica à Amaral Peixoto e à interventoria

(conclusão)

MANCHETE	DIA/MÊS/ANO/EDIÇÃO
<i>Baralhos e Roletas</i>	12 maio 1946, ed. 05484, p, 1
<i>O Reinado da Roubalheira</i>	7 ago. 1946, ed. 05557, p, 1
<i>Os Inquéritos do Leite</i>	8 ago. 1946, ed. 05558, p, 1
<i>Pragas de Urubu</i>	24 out. 1946, ed. 05624, p, 1
<i>Política Fluminense</i>	20 nov. 1946, ed. 05646, p, 1
<i>Herança da Ditadura no Estado do Rio</i>	5 maio 1949, ed. 06396, p, 1
<i>A Plataforma do Peixotinho</i>	19 maio 1949, ed. 06408, p, 1
<i>Problemas Fluminenses</i>	20 maio 1949, ed. 06409, p, 1
<i>O Reinado da Jogatina</i>	17 set. 1949, ed. 06512, p, 1
<i>O Jogo e a Corrupção Eleitoral</i>	22 set. 1949, ed. 06516, p, 1
<i>O "Pessedismo" Fluminense</i>	30 ago. 1950, ed. 06803, p, 1

Fonte: elaboração dos autores com base nas edições compulsadas do *Diário Carioca*. Estão listados os casos mais centrais.

Mesmo em editoriais sob temas diversos, como os que tratavam de questões nacionais da era estadonovista, não deixava de alfinetar o Comandante. Alertava para sua falta de moralidade, clareza e coerência, isso, conforme visão e interesse do articulista. No seu entusiasmo, Macedo Soares, cujo editorial invariavelmente estampado na primeira página, destilava toda a sua argúcia.

Conforme pensamento de Gramsci interpretamos a atuação deste agente como intelectual de parcela da classe conservadora fluminense no afã de construir “um projeto orgânico, sistemático e argumentado” (Gramsci, 2006, p. 32). Neste caso, uma cultura antiamaralista para a qual o *Diário Carioca* procurou “organizar e difundir”, pois, com base no curso das obras do pensador sardo é possível classificá-lo enquanto partido que toma posições e sustenta convicções (Gramsci, 1978, 2006, 2020).

Por sua vez, José Eduardo de Macedo Soares é um expoente que se esmera em suscitar dada vontade coletiva, para esta questão valemo-nos novamente da teoria:

O processo de formação de uma determinada vontade coletiva, para um determinado fim político, é representado não através de investigações e classificações pedantes de princípios e critérios de um método de ação, mas como qualidades, traços característicos, deveres, necessidades de uma pessoa concreta, o que põe em movimento a fantasia artística de quem se quer convencer e dá uma forma mais concreta às paixões políticas (Gramsci, 2020, p. 13).

Ora, fazendo uso do *palanque Diário Carioca*, soube exatamente incorporar uma “*pessoa concreta*”. Naquela quadra, era o principal expoente do antiamaralismo — corrente política que buscava consolidar. Desse modo, podemos associar a vontade coletiva “como consciência atuante da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo” (Gramsci, 1978, p. 7). Contra o grupo político que objetivava defenestrar,

“Macedão” reiteradamente acusava-o de práticas políticas “facciosas” motivadas por interesses particulares, como que em degeneração total do espírito público. Tal recurso discursivo novamente encontra consonância na teoria de Gramsci (2020, p. 272-273).

Por fim, na fase aguda das disputas eleitorais de 1950, consolidadas as candidaturas, o *Diário Carioca* publicou a coluna — *Conheça o Seu Candidato*. Na vez de Amaral Peixoto, concorrente ao governo do estado, não titubeou.

Mesmo extenso, vale recuperar a íntegra:

O sr. Ernani do Amaral Peixoto é um caso típico do Estado Novo. Somente o regime ditatorial, instaurado em 1937, poderia produzir semelhante espécime político. Aluno medíocre da Escola Naval, sua carreira militar é uma sucessão de fracassos. Nem mesmo por ocasião da insubordinação do encouraçado “São Paulo”, de cuja guarnição fazia parte, conseguiu destacar-se. O seu nome ficava sempre em segundo plano, quando não em terceiro, sobressaindo apenas o do comandante Herculino Cascardo ou de Augusto Amaral Peixoto, seu irmão, este, aliás, oficial de grande mérito e homem de bem.

Tentou, o sr. Ernani do Amaral Peixoto, fazer política no Distrito Federal. Depois de algumas investidas malogradas, desistiu da ideia. Recolheu-se à insignificância, espreitando todavia, com a sua ambição insatisfeita, uma oportunidade para ocupar uma posição de relevo, qualquer que fosse. Conseguiu assim ser feito ajudante de ordens do Presidente da República. E o resto da história é sabido de todo o mundo. Noivo da filha do ditador, o sr. Ernani do Amaral Peixoto recebeu como presente a interventoria no Estado do Rio.

Candidato à política, sempre preterido, o sr. Ernani do Amaral Peixoto só conseguiu um posto político quando foi candidato ao casamento. Apesar das verbas fabulosas de que dispunha e da situação privilegiada que desfrutava junto ao Catete, o governo do atual candidato pessedista ao Palácio do Ingá caracterizou-se pela inércia e pela corrupção, transformando o Estado do Rio numa terra de ninguém, entregue à sua própria sorte. A velha província, outrora rica, empobreceu. Mas o interventor-noivo, depois interventor-marido, engordou muito e de lá saiu rico.

Durante a guerra, enquanto seus companheiros de farda embarcaram para arriscar a vida na polícia dos mares, deixou-se ficar no coxins do governo, engordando, engordando.

Com a volta ao regime legal, o sr. Ernani do Amaral Peixoto foi eleito deputado. Nada fez no parlamento, a ser tartamudear alguns apartes. Na verdade, ele nada sabe fazer quando precisa apelar para a inteligência. Diz-se chefe do PSD, arrota prestígio, mas na hora da onça beber água, o “Alzirão” é sempre o “Alzirão”. Entre o sogro candidato e o sr. Cristiano Machado, a quem fingira apoiar, em pleno Conselho Nacional do seu Partido, a ponto de dirigir interpelações ao sr. Benedito Valadares, o “herói da guerra no mar”, gaguejou que não poderia ficar contra a família Vargas.

Assim é o sr. Ernani do Amaral Peixoto, o Comandante Peixotinho. Ele foi, é e será sempre o genro, por mais que pose de chefe fluminense (*Diário Carioca*, 19 jul. 1950, ed. 06767, p. 2).

O documento sintetiza o pensamento da cúpula do *Diário Carioca* acerca do personagem combatido. Expõe e rechaça o currículo do mesmo: incongruente, ancorado na ditadura do Estado Novo, na família Vargas e sob atos escusos. Consoante ao jogo político pretendido, incitar tal desconfiança, integrava tanto a estratégia quanto o ritmo da oposição em equilibrar as forças, uma característica da história política (Rémond, 2003).

Considerações finais

Estruturado em quatro partes, o artigo traz à superfície a centralidade de dois personagens e concentra no posicionamento contrário de José Eduardo de Macedo Soares direcionado àquele que, em determinado período, passou a ser considerado o “*dono*” do ERJ, ou seja, Amaral Peixoto. Seu principal opositor externava no *Diário Carioca*. A julgar pelo breve panorama aqui oferecido, no curso, havia um projeto de construção de hegemonia política no estado em tela e que requer aprofundamento. Como parte do processo, o *Diário Carioca*, na figura de José Eduardo de Macedo Soares acompanhou de perto a questão. A partir do referido periódico é possível descortinar os meandros da disputa política estadual.

Pessimista em relação ao curso do período 1937-1945, José Eduardo ao rever a interventoria amaralista passou a desfechar oposição à Amaral Peixoto. Reticente, e de gravitação política pouco coerente, no percurso do pós-1945 sobressaiu como o mais destacado opositor à pessoa do Comandante, embora engrossasse as fileiras do PSD. Na realidade, oscilante, atuou em margens opostas.

Quanto ao *Diário Carioca*, teve dificuldade para alcançar o grande público desejado, isto é, os potenciais eleitores de Amaral Peixoto. Trava-se de um jornal que não possuía veia popular o que lhe dificultou a disputa pelo amplo eleitorado fluminense, especialmente no interior do estado a favor de Macedo Soares. Mesmo assim apostou no colapso do amaralismo e cujos movimentos do personagem combatido ganhou expressões em tom depreciativo, como: peixotada, peixotice,⁵ peixotismo e peixotinho.

Invariavelmente o *Diário Carioca* se reportava ao período que passou tomando-o como mal exemplo. A tal recurso, em certa direção, no campo da história política podemos chamar de discursividade, ou, sob outra lupa, de “práticas discursivas” na medida que buscou construir um terreno arenoso para o bloco orgânico, hegemônico e relativamente coeso liderado por Amaral Peixoto e, repactuar novas forças político-econômicas. Ao fim e ao cabo, Macedo Soares não venceu a disputa pela hegemonia política no ERJ, apesar dos alarmistas, mordazes e virulentos ataques dirigidos à Amaral Peixoto. Diferentemente deste, não logrou êxito em construir uma cultura política em torno da liderança pretendida. Ainda que para tal pudesse contar com o *Diário Carioca*, enquanto partido ideológico (Gramsci, 2006) no protagonismo do jogo político pelo poder e um instrumento de difusão, construção e sistemas de referência da cultura política (Rémond, 2003). José Eduardo de Macedo Soares ficou na superfície, neste caso, à margem.

⁵ Grafado desta forma no original.

Para concluir, vale ressaltar que o próprio Amaral Peixoto lança dúvidas sobre a capacidade de José Eduardo de Macedo Soares enquanto articulista. Ora, a julgar por esta interpretação, havia campo acinzentado?

[...]. O José Eduardo [...]. Aliás, também me atacava violentamente. Depois fiquei sabendo que quem escrevia os artigos do José Eduardo contra mim era o Carlos Castelo Branco, o Castelinho. Eu não o conhecia naquela época, conheci depois em Brasília, quando ele se sobressaiu como jornalista. Um dia ele me disse: E eu, que já escrevi tanto contra o senhor... Eu perguntei: Mas como, se eu nunca li nada? E ele: No *Diário Carioca*, mas quem assinava era sempre o José Eduardo ou o Danton Jobim. O Danton era o redator-chefe do jornal (Peixoto *apud* Camargo *et al.*, 1986, p. 238).

Seja como for, no período seguinte o *Diário Carioca* continuaria sendo tablado de José Eduardo. Mas esta constituiu uma outra frente.

Como citar este artigo:

ABNT

HONORATO, Cezar; LESSA, José Luís Honorato. Do outro lado da margem: José Eduardo de Macedo Soares no combate à Amaral Peixoto através do *Diário Carioca*, Estado do Rio de Janeiro 1945-1950. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, Niterói, v. 18, n. 2, p. 199-216, maio.-ago. 2026. <https://doi.org/10.15175/tprhkd29>

APA

Honorato, C., & Lessa, J. L. H. (2026). Do outro lado da margem: José Eduardo de Macedo Soares no combate à Amaral Peixoto através do *Diário Carioca*, Estado do Rio de Janeiro 1945-1950. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, 18(2), 199-216. <https://doi.org/10.15175/tprhkd29>

Copyright:

Copyright © 2026 Honorato, C., & Lessa, J. L. H. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2026 Honorato, C., & Lessa, J. L. H. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder

Fontes

CAMARGO, Aspásia *et al.* (org.). *Artes da política: diálogo com Ernani do Amaral Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Coleção Brasil Século 20.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro: [s. n.], 1945-1950.

Referências

ABREU, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles de. (coord.). *Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC/FAPERJ, 2014.

CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. *Amaralismo e Pessedismo fluminense: o PSD de Amaral Peixoto*. 1996. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

CÔRTE, Andréa Telo da. (org.). *Amaral Peixoto: história, memória e política*. Niterói: Funarj; Imprensa Oficial, 2012.

COSTA, Cecília. *Diário Carioca: o jornal que mudou a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. (Cadernos da Biblioteca Nacional).

COSTA, Rafael Navarro. *Tecendo as redes da política: articulações e projetos na construção do amaralismo*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=13040&idi=1&rc=1>. Acesso em: 15 maio 2026.

GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 2.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. v. 3.

HONORATO, Cezar. *O novo estado no Estado Novo: análise da interventoria Amaral Peixoto no Estado do Rio de Janeiro*. 1987. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987.

LESSA, José Luís Honorato. *O Comandante em marcha: Amaral Peixoto e a indústria fluminense*. 2021. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021. <https://hdl.handle.net/10438/31410>

MOREIRA, Regina da Luz. *Tempos de Amaral*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

RÉMOND, René (org.). *Por uma História política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIO DE JANEIRO (Município). Prefeitura. *Diário Carioca: o máximo de jornal no mínimo de espaço*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, Cadernos da Comunicação-Série Memória, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.